

Fazendo quintais agroecológicos: técnicas de cultivo e organização de hortas entre mulheres rurais em um assentamento no Ceará ¹

Vitória de Fátima dos Santos Sousa – Museu Nacional (UFRJ/ RJ) ²

RESUMO: Realizada no interior do Ceará, na região noroeste do Estado, na Serra da Ibiapaba, esta pesquisa tem como objetivo apontar técnicas agroecológicas desenvolvidas por agricultoras de um assentamento rural, chamado Santa Madalena. O trabalho mostra que fazer agroecologia requer experiências realizadas nos quintais e trocas de conhecimentos entre as mulheres. Esta pesquisa aponta a centralidade dos quintais produtivos, dado que é neles que *‘o de comer’* começa a ser feito. Dessa maneira, para as interlocutoras o quintal é diferente do roçado, já que no roçado se costuma *‘plantar só no inverno’*, no entanto, nos quintais é preciso *‘tá sempre mexendo’*, *‘sempre cuidando, aguando, olhando se tá com formiga’*, como elas me afirmam. Os quintais, também, trazem para as mulheres noções de liberdade, dado que em tais espaços elas podem cultivar como querem e o que querem. Além disso, se busca, também, apresentar perspectivas sobre as cadeias operatórias que determinam *o entrelaçar de mundos muito mais que humanos*. Diante disso, o trabalho buscou analisar sobre as técnicas agroecológicas e como tais saberes constroem mundos repletos de *relações multiespécies*, para tanto, é mostrado como são feitas as hortas e organizados os quintais produtivos, também, é apontado a forma como elas lidam com ‘as pragas’, sobretudo as formigas e com a falta de água, já que é o principal entrave para o desenvolvimento da agroecologia no assentamento.

PALAVRAS-CHAVES: técnicas; agroecologia; mulheres.

1 INTRODUÇÃO

Realizada no Assentamento Santa Madalena ³, no município de Tianguá ⁴ – na Serra da Ibiapaba, no noroeste do Estado do Ceará –, esta pesquisa, concebida como uma exploração etnográfica feita durante minha graduação em Ciências Sociais, tem como objetivos refletir sobre o desenvolvimento da agroecologia entre trabalhadoras rurais, assim, mostrando como são organizados e produzidos os quintais produtivos dessas mulheres.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA). Mestranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional/ PPGAS da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

³ O Assentamento Santa Madalena fica localizado na zona rural da cidade de Tianguá (CE), a aproximadamente quinze minutos da sede, via BR-222. Nele, residem trinta e cinco famílias assentadas, divididas entre o “Santa Madalena I” (onde moram trinta e uma delas) e o “Santa Madalena II” (onde moram as outras quatro).

⁴ Tianguá – palavra tupi que significa o “gancho que puxa as águas” - é uma cidade de 68. 901 habitantes, de acordo com o último censo do IBGE. É um município que tem sua economia voltada para a agricultura, bem como a maioria das cidades da Serra da Ibiapaba. Conforme dados do IPECE (Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará), o município se divide em três áreas distintas: chapada - isto é, a serra ou *cuesta*; carrasco e sertão. Ao andar por a zona rural e a urbana se percebe muitas árvores nativas, sobretudo, carnaubeiras e ipê-amarelo-do-cerrado, árvore que é considerada o símbolo da cidade.

O marcador de gênero foi fundamental para compreender o papel dos quintais produtivos na vida das agricultoras, dado que em algumas falas elas apontaram e reconheceram as dificuldades que encontram por serem mulheres, algumas falaram que muitas vezes quando estão em reunião do assentamento, por exemplo, são priorizadas as intervenções dos homens e o que elas falam acaba não sendo levado em conta. Dificuldades essas, também, encontradas dentro de casa, uma vez que algumas das minhas interlocutoras têm divergências com seus maridos nas formas de gerenciar os espaços de plantação, pois eles usam ‘veneno’⁵, forma como se referem aos defensivos químicos.

Com isso, são nos quintais que elas se sentem livres para plantarem o que desejam e para terem variedade de produtos, dado que o que é produzido nos quintais também é consumido por suas famílias, sendo a base da alimentação familiar. Como afirmado, além da variedade produtiva, possuir um quintal representa para as mulheres agricultoras um tipo de liberdade, pois elas consideram tal espaço como delas, onde desenvolvem como querem técnicas e manejos agroecológicos.

Weitzman (2016), em sua pesquisa feita com agricultoras em comunidades rurais no Estado de Minas Gerais, aponta que nos quintais as mulheres “conseguem exercer mais controle sobre as formas de produção a partir dos seus próprios critérios” (WEITZMAN, 2016, p. 222). Pois assim como minhas interlocutoras, as agricultoras estudadas pela autora também desenvolvem agroecologia e algumas, bem como as mulheres do Santa Madalena, têm conflitos com seus esposos, no que se refere o uso de agrotóxicos.

Ademais, uma das razões que me fizeram buscar compreender as técnicas usadas pelas agricultoras ao desenvolverem a agroecologia, foi perceber que tais técnicas são enxergadas por minhas interlocutoras como ‘sustentáveis’ para a natureza. Estive presente em um momento em que uma das agricultoras foi convidada para fazer uma fala para alunos do ensino fundamental sobre o cuidado com as sementes crioulas. Durante a sua apresentação, Dona Raimunda ⁶ discutiu sobre os problemas ambientais e disse que ‘o homem queima a própria natureza’ e que ‘a nossa mãe-terra está sendo destruída pelo homem’. Isto é, ela reconheceu que a intervenção do ser humano se tornou destrutiva para a natureza. Em contrapartida, ela mostrou que ter cuidado com as sementes é também ter ‘cuidado com a natureza’.

⁵ Será usado aspas simples quando eu estiver me referindo a frases ditas pelas agricultoras.

⁶ Todos os nomes que aparecem durante o trabalho são os nomes reais das minhas interlocutoras.

Uma outra agricultora, Maria, me falou uma vez que ‘todas as formas de vida são importantes’, este é um dos motivos que a faz não usar defensivos químicos, que podem ‘até matar as pragas’, mas ‘mata e adocece’ o solo e as plantações. Escutei de outras agricultoras falas bem parecidas com a de Maria, como Dona Eudes e Adriana. Desse modo, ter presenciado tais afirmações me fez querer perceber como elas desenvolviam suas experiências nos quintais, experiências que elas enxergam como respeitáveis e cuidadosas com a natureza. A ‘natureza’ para elas não é somente a mata ‘fechada’/ floresta, dado que elas se referem aos seus canteiros, quintais, roças como ‘a natureza’ – diferente da divisão moderna (LATOURE, 2013) que separa as noções de natureza e cultura ou da concepção, também moderna, de que a natureza é intocável (DIEGUES, 2008).

Este trabalho será dividido em dois momentos: (i) traçar pontuações – não muito extensas – sobre a centralidade dos quintais produtivos e questões sobre gênero(s) que foram aparecendo durante a pesquisa; (ii) apresentar análises sobre as relações que existem entre as técnicas empregadas pelas agricultoras e a natureza, como um conceito nativo. Com isso, mostro três dessas sociotécnicas: como elas fazem para lidar com a falta de água, como elas constroem seus quintais e canteiros, como elas lidam com ‘as pragas’, sobretudo, as formigas. Desse modo, penso sobre a forma como tais relações sociotécnicas se desenvolvem a partir do diálogo entre multiespécies e entre múltiplos mundos.

2 DESENVOLVENDO A AGROECOLOGIA: QUINTAIS PRODUTIVOS E A LIBERDADE DAS MULHERES

Diferentemente de muitas agricultoras que desenvolvem a agroecologia na Serra da Ibiapaba, as mulheres do Assentamento Santa Madalena ainda não conseguem sustento somente com a venda de seus produtos agroecológicos. Com isso, os homens do Assentamento necessitam se deslocar para as cidades vizinhas para exercer ofícios urbanos, ou, em sua maioria, ainda trabalham para “os patrões”, como eles se referem aos donos de terras da região. Antes de ingressarem no Santa Madalena, os trabalhadores e trabalhadoras moravam ‘nas terras dos outros’ e trabalhavam para os proprietários dessas terras.

Moacir Palmeira (1977, p. 203), falando especificamente da zona da mata nordestina, afirma que “morar significa ligar-se a um engenho”, ou seja, na situação de moradores, os agricultores estavam ligados diretamente com o proprietário da terra. Ainda mais, Teixeira (2014, p. 66) afirma que moradores são entendidos como aqueles que “moram ‘no alheio’,

vivem ‘na terra dos outros’, não sendo proprietários nem da casa em que vivem, nem das terras em que plantam e nem dos bichos de que cuidam”. Assim sendo, as famílias assentadas não são mais moradoras nas ‘terras dos patrões’, porém, os homens continuam não sendo proprietários das terras em que plantam. Ou seja, esses assentados ainda dependem dos patrões, pois trabalham para eles.

Desse modo, o fato de seus companheiros terem que trabalhar ainda nas ‘terras dos outros’, faz com que as mulheres assentadas estejam à frente da produção agroecológica do Assentamento. Ellen e Klass Woortmann (1997) mostram que nas comunidades rurais estudadas por eles o homem é o “dono” do saber e é quem “governa” o roçado, já as mulheres cuidam da casa. Afrânio Garcia Júnior e Beatriz Heredia (1971) também mostram que há uma hierarquia entre os trabalhos pesados (masculinos) e os trabalhos leves ⁷ (femininos). Entretanto, essa dualidade acaba fazendo com que não seja percebido, de forma aprofundada, as nuances presentes nas relações entre mulheres e homens, sobretudo, trabalhadora(e)s rurais. Dado que, como vi logo de cara em campo, mulheres transitam em ambientes “masculinos”, são donas dos saberes e governam seus roçados ⁸.

O sentimento de liberdade vivenciado pelas mulheres do assentamento permite estabelecer um diálogo com a pesquisa de Tsing desenvolvida entre coletoras(es) do cogumelo matsutake. Tsing (2019) aponta que a “dança” desenvolvida entre coletoras(es) e cogumelos é um movimento atravessado pelo sentimento de liberdade. A coleta dos cogumelos é uma espécie de fuga para alguns japoneses que moram nas cidades dos Estados Unidos, proporcionando-lhes “uma vida melhor” (TSING, 2019, p. 37), pois apenas o salário que recebem não é capaz de suprir as suas necessidades e aspirações.

Tsing também observa que a coleta do matsutake gera nas comunidades nipo-americanas “prazer, orgulho e apego” (TSING, 2019, p. 34), sentimentos esses que observamos nas falas das nossas interlocutoras ao se referirem ao seu trabalho com a agricultura orgânica. Tal como a coleta dos cogumelos entre as catadoras(es) estudadas(os) por Anna Tsing, poder plantar e colher os produtos agroecológicos em um espaço seu gera

⁷ Maria Ignez Paulilo (1987) mostra o “peso do trabalho [doméstico] leve” que é desenvolvido por mulheres. O trabalho doméstico é visto como leve, “sem peso”, pois está atrelado às atividades de casa, como limpá-la, fazer comida, cuidar dos filhos, nas palavras de Rodica Weitzman (2016) esse é um trabalho que ninguém vê. No entanto, minhas interlocutoras sempre reiteram como mulheres ‘trabalham mais que os homens’, ‘mulheres nunca param’. Ainda sobre questões entorno de o trabalho doméstico feminino ver Federici (2017, 2019).

⁸ Em trabalho anterior (Sousa & Teixeira, 2020) noções sobre o trabalho feminino no Santa Madalena já foram levantadas e apontadas.

nas agricultoras um sentimento de liberdade que não experimentavam quando viviam sobre as ‘terras dos patrões’.

Ainda mais, muitas das agricultoras só tiveram contato com a agricultura orgânica e com a agroecologia – as ONGs foram centrais nesse primeiro contato – quando passaram a morar no Santa Madalena, outras ‘tinham ideia do que era o orgânico, mas só foram colocar em prática’ morando no Assentamento. Adriana me falou que ‘só conhecia na teoria’. Perguntei para ela ‘por que só na teoria?’ e ela me respondeu:

Adriana: por isso que eu digo assim, é teoria porque o que a gente só vem colocar com prática é no nosso quintal, porque a gente tem propriedade, porque é meu e eu posso fazer o que bem quiser, posso destruir como também posso restaurar, então, é isso aí.

Dona Selma, por sua vez, me disse que se não tivesse mudado para o Assentamento e conhecido a Fundação Cepema ainda continuaria ‘plantando com veneno’, pois era a forma de plantio que conhecia quando morava em terra de patrão:

Dona Selma: Lá [na terra do patrão] eu plantava pra ele era com veneno. Agora o meu aqui é orgânico mesmo, nós *num* bota nada de veneno não, mas lá era com veneno. Se eu não tivesse entrado pro Cepema, eu acho que eu continuava com veneno, mas aí depois que eu entrei pro Cepema eu não boto mais veneno, é produzido só mesmo na água mesmo. *Num* boto veneno não, é orgânico mesmo de verdade mesmo, o meu é! Tenho certeza absoluta!

Com isso, ter um espaço para chamar de seu – espaço esse que se materializa nos quintais produtivos – além de ser fundamental para o desenvolvimento da agroecologia, é capaz de gerar um sentimento de liberdade nas mulheres, pois elas podem organizar da forma como desejam seus espaços, além disso, diferente dos roçados – que se costuma plantar durante o inverno, no período chuvoso – os quintais produtivos requerem cuidados constantes, elas sempre estão lá ‘mexendo’, precisando, assim, lidar diariamente com ‘as pragas’ e com a falta de água, como será visto a seguir.

3 FAZENDO OS QUINTAIS: FALTA DE ÁGUA, ORGANIZAÇÃO DAS HORTAS E PRAGAS

Para falar sobre as técnicas preciso mostrar todo o universo que gira em torno do desenvolvimento da agroecologia. Assim, nos momentos em que estive em campo, as mulheres sempre enfatizavam que o principal embate para que a produção no assentamento fosse maior é a falta de água.

Centelhas (2018) e Galizoni (2005) têm como tema central em suas pesquisas o estudo de águas, ambas trazem questões sobre políticas públicas voltadas para o uso das águas em comunidades rurais. Centelhas (2018, p. 20-21) na introdução de sua tese conceitua o que se chama “políticas de convivência com o semiárido” – “para os as defensoras da convivência, as políticas sociais devem ser adaptadas a essa realidade ecológica e climática, buscando soluções a partir dos conhecimentos locais e da participação ativa de sua população.” Desse modo, a autora traz as cisternas – de primeira e segunda águas – com uma dessas políticas que visam o convívio com o bioma nas comunidades camponesas em que estão inseridas, para compreender a “implementação” dessas políticas, a autora aponta que o universo do campo a fez centralizar seu trabalho nas mulheres, pois o uso das águas está diretamente ligado com a lógica de organização doméstica, espaço predominantemente produzidos por mulheres – assim como notei nas minhas primeiras idas ao campo.

Galizoni e Ribeiro (2011, 2013) em pesquisas realizadas sobre os recursos hídricos nas comunidades camponesas na Serra da Mantiqueira mineira mostram a centralidade da água na vida cotidiana de famílias de agricultores, visto que a água é quem organiza da comunidade, pois a falta dela, por exemplo, pode gerar conflitos. É a água quem produz alimento, é ela quem ‘dá de beber’ aos bichos e aos humanos:

A qualidade de vida e a fartura de alimentos em sociedades camponesas dependem da relação com a natureza: os recursos naturais fazem parte dos sistemas de produção e de lavoura, criando uma urdidura cultural e produtiva entre as pessoas e o meio. Entre esses recursos da natureza, a água é dos mais centrais, pois a população rural mantém com as nascentes relação de dependência estrita para produzir, criar e se alimentar. (GALIZONI, RIBEIRO, 2013, p.69).

Ademais, Holliver (2016), Galizoni (2005), Galizoni & Ribeiro (2011, 2013) mostram o poder social que as águas têm para agricultores e comunidades rurais. Como o semiárido é um bioma que passa constantemente por períodos de estiagem, agricultora(o)s precisam, em suas experiências cotidianas, aprender a conviver com a falta de água e (re)inventar formas de estocá-la e de aproveitá-la ao máximo, é isso que o sistema do bioágua, presente na maioria dos quintais das minhas interlocutoras, permite fazer.

Desse modo, não seria possível falar das técnicas agroecológicas sem falar sobre as relações que minhas interlocutoras estabelecem com as águas, pois, como elas me afirmam: ‘sem água, não tem como produzir’, dado que ‘onde tem água, tem vida’. É nesse momento que surge o bioágua, elemento central para elas, como me falou Dona Eudes ‘sem ele, a gente não teria como produzir nada’. Minhas interlocutoras consideraram o inverno do ano

de 2020 ‘muito fraco’, desse modo, a captação e estoque de águas nas cisternas foi pouco, dando apenas para ‘fazer as coisas de casa’, assim, foi o bioágua ‘que salvou’ a produção das agricultoras.

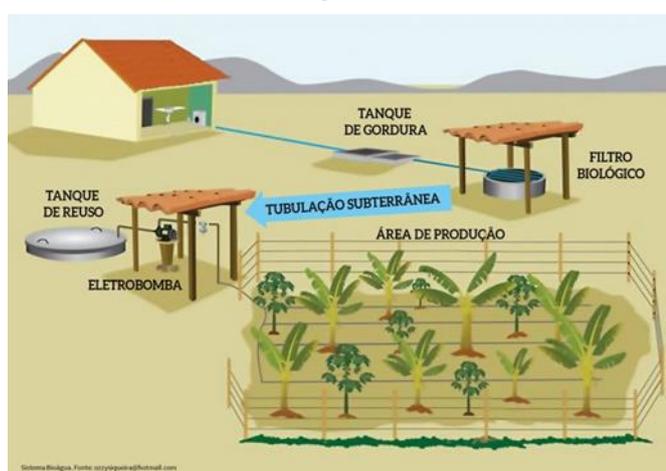
Negando a existência de uma única ciência moderna, Latour (2013) apresenta noções sobre múltiplas ciências ou práticas científicas diversas, desse modo, o autor mostra a possibilidade da existência do que ele denomina de “tecnologias terranas”, tecnologias estas que vão contra a lógica hegemônica da ciência moderna. As tecnologias terranas são descentralizadas e contextualizadas, são *microcósmicas*, podem ser percebidas em:

[...] organizações de guarda e troca de sementes e cultivares tradicionais em várias zonas de resistência camponesa pelo mundo afora [...], à arboricultura diferencial dos indígenas amazônicos, à navegação estelar polinésia, aos “agricultores experimentadores” do semiárido brasileiro, a inovações hiper-contemporâneas como o movimento das ecovilas. (DANOWSKI & VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p.135).

Percebo nas práticas de agroecologia exercidas pelas mulheres do Santa Madalena exemplos dessas tecnologias: os quintais produtivos, as agroflorestas, o cuidado com as sementes e o sistema de reuso das águas.

O bioágua foi um sistema implementado pela ONG Cáritas Diocesana em diversas comunidades rurais e quase todas as famílias do Santa Madalena, possuem o sistema em sua propriedade. O bioágua tem como objetivo reutilizar todas as águas usadas em casa: na cozinha, no banheiro e na limpeza. O sistema consiste em cinco etapas conforme figura a seguir:

Figura 1



O Bioágua. Fonte: Instituto Bem-Viver. Cartilha do bioágua.

(i) Após deixar a casa, a água segue para um tanque de gordura, que impede que as gorduras se misturem ao líquido; (ii) em seguida, a água “cinza” passa pelo filtro biológico⁹, o ‘minhocário’, como denominam as agricultoras, no filtro biológico as impurezas são biodigeridas pelas minhocas – Maria falou que ‘a minhoca tritura o que vem da caixa de gordura’; (iii) depois de “tratada” pelas minhocas, a água vai para uma caixa (tanque) de reuso, onde fica armazenada; (iv) depois, a água vai para a bomba; (v) na última etapa a água já está pronta e será armazenada em uma caixa de plástico de água – na figura não há a caixa, mas logo colocarei imagens do sistema no assentamento -, sendo, finalmente, tratada e evada ao sistema de irrigação das áreas produtivas.

Dona Eudes afirmou que ‘agora a gente planta as fruteiras, os canteiros’, por causa do reuso das águas, sendo um sistema ‘de grande ajuda’. Vale salientar que além da reutilização das águas, o bioágua é uma espécie de composteira, já que no ‘minhocário’ há o húmus das minhocas¹⁰ que é colocado no preparo do solo antes de serem plantados os canteiros/ fruteiras, as agricultoras se referem ao húmus da minhoca como ‘estrume de minhoca’, sendo eles, às vezes, a principal fonte de fertilizante para o solo.

Maria me explicou que é necessário ‘ter muito cuidado’ ao lavar as coisas de casa, pois não se pode usar ‘quiboa [água sanitária], nem detergente’, visto que tais produtos ‘são fortes’ e podem ‘matar as minhocas’. Desse modo, as agricultoras lavam as louças sujas apenas com sabão caseiro, que não agride as minhocas. Adriana, em um momento de descontração, disse que Maria tem ‘as minhocas como filhas’, pois ‘as minhocas dela são gordas e bem cuidadas’. Maria confirmou a afirmação de Adriana dizendo que ‘elas são minhas filhinhas, eu tenho todo o cuidado, porque se não elas não produzem’, como o húmus das minhocas é essencial tanto no reuso das águas, quanto na fertilização do solo, Maria disse que ‘sem elas [a produção] não vai para a frente’.

Tsing (2019) ao estudar os cogumelos matsutake¹¹ mostra que esses não humanos constroem mundos, memórias e até danças com os humanos e não humanos que habitam

⁹ O filtro biológico é uma estrutura circular que possui materiais inorgânicos, como areia, brita e pedra, e materiais orgânicos, o húmus da minhoca e a serragem de madeira. Maria foi quem me deu a aula para que eu entendesse como funcionava o bioágua. Para mais informações ver: <https://www.noclimadacaatinga.org.br/entenda-como-o-sistema-bioagua-reutiliza-ate-500-litros-de-agua-por-dia/>.

¹⁰ O húmus também é vendido para outra(o)s agricultora(e)s, ou até mesmo dado, que não tem o bioágua em suas propriedades.

¹¹ Tsing mostra que como cogumelos são fungos, eles acabam sendo “desprezados” e colocados em segundo plano. Através de mim, pensei o mesmo sobre as minhocas, que apesar de serem do reino animal, acabam não sendo enxergadas como animais, dada sua morfologia corporal.

ambientes com eles. Percebo o mesmo ao me atentar na relação das agricultoras, sobretudo a de Maria, com as minhocas, que não são coadjuvantes quando as agricultoras estão falando sobre o bioágua, mas muito pelo contrário, aparecem como protagonistas, pois são elas quem realizam a biodegradação das impurezas das águas e ainda seu esterco é utilizado como composto para o solo. Tsing (2019, p. 119) se refere a essa relação como “socialidade mais que humana”, uma interação entre seres distintos, mas que formam mundos compartilhados, que ajuda antropóloga(o)s/ cientistas reconhecerem teias multiespecíficas de trocas – as impurezas das águas servem de alimento para as minhocas, que auxiliam na purificação e fortalecimento do solo.

Depois de mostrar toda a engenharia por trás do bioágua, falarei agora de como se organizam os quintais e como são feitos os canteiros.

Pesquisas de campo que trazem a agroecologia protagonizada por mulheres mostram a centralidade dos quintais produtivos, dado que é neles que ‘o de comer’ começa a ser feito. O quintal é diferente do roçado, como mostram minhas interlocutoras, já que no roçado se costuma ‘plantar só no inverno’, no entanto, nos quintais produtivos é preciso ‘tá sempre mexendo’, ‘sempre cuidando, aguando, olhando se tá com formiga’, como me afirmou Dona Eudes. Autoras como Siliprandi (2016), Weitzman (2016), Rodrigues (2018) mostram que os quintais das agricultoras são ambientes em que as mulheres podem fazer experiências, melhorar técnicas de cultivos, aprender, ou seja, “são verdadeiros laboratórios em céu aberto” (RODRIGUES, 2018, p. 45).

Notei que cada agricultora possui formas diferentes de organizar seus quintais, devido a liberdade para fazerem o que querem, cada uma tem preferências distintas no que tange a organização. Liliane costuma dizer que tem ‘uma agrofloresta e não apenas canteiros’, ela percebe como um sistema integrado, pois faz seus canteiros ‘bem embaixo das árvores grandes’, técnica de organização também presente nos quintais de Dona Eudes, Adriana e Maria.

Steenbock, Silva, Froufe & Seoane (2013, p. 40-1) mostram que agroflorestas são sistemas integrados feitos por agricultores que têm o objetivo de unir “floresta” e “agricultura”, no qual hortas/ roçados se ligam com árvores nativas, estabelecendo relações diretas entre si. Os sistemas agroflorestais - feitos há tempos por populações indígenas -, mostram os autores, são capazes de unir aquilo que a ciência moderna quer separar: natureza (a floresta) e cultura (os quintais feitos por agricultores). Diegues (2008) mostra que não há natureza intocada, visto que natureza e humanos sempre estabeleceram relações de trocas,

como é o exemplo das agroflorestas. Diante disso, o conceito de “natureza” apareceu para mim como nativo, visto que elas se referem aos seus quintais com hortaliças, mudas, árvores frutíferas e nativas como ‘a natureza’.

Como mostrado ao longo deste trabalho, as fruteiras e os canteiros são os elementos principais que integram os quintais das agricultoras. Destarte, mostrarei como se fazem dois tipos distintos de canteiros: a primeira forma aprendi fazendo com Dona Eudes, ao passo que a segunda foi Dona Selma quem me ensinou. Para finalizar os exemplos por mim encontrados, só à título de curiosidade, mostrarei um canteiro, feito por Josivânia, em forma de mandala, ao redor da caixa de plástico que integra o sistema do bioágua.

Fiz com Dona Eudes um canteiro de cebolinhas, pois ela iria transplantar cebolinhas que estavam ‘se sufocando’, sem espaço, no canteiro ao lado, onde havia muitas hortaliças juntas como coentro, alface e couve.

O processo para fazer o canteiro se deu da seguinte forma: primeiro, encontramos um lugar plano – mostrarei em seguida o que acontece se o canteiro for feito em um lugar íngreme -, Dona Eudes marcou a terra com um pedaço de madeira e disse que a primeira coisa a se fazer era ‘fofar’ a terra com a enxada, que consiste em cavar e jogar a terra para ‘cima’. Em seguida, usando a enxada, precisamos deixar o espaço ‘bem quadrado’, sendo o próximo passo fazer barreiras com a terra para ‘não escapar a água’. Depois da organização do espaço, é o momento de preparar o solo: a primeira operação no preparo é colocar ‘estrume de galinha’ para fortalecer o solo. Segundo ela, o estrume de galinha é mais forte do que o ‘outro’, o de boi. Interessante perceber que cada agricultora tem uma forma de preparar o solo, ao passo que Dona Eudes percebem dessa forma, algumas usam apenas o ‘estrume da minhoca e a água’.

Logo em seguida, Dona Eudes pegou um saco de palha de feijão com estrume de galinha para colocarmos no solo - a palha serve para proteger o solo e não o deixar seco, ‘ajuda ele a ficar molhadinho’, - Dona Selma protege o solo com folhas secas pelo mesmo motivo. A palha foi usada dos feijões que colheram: ela colocou as palhas no galinheiro e depois as pegou novamente já com o estrume das galinhas.

Depois de colocar a palha, dá-se início ao processo de aguamento. Nesse momento, usa-se muita água, por conta dos problemas com a água, já relatados, fiquei com medo de desperdiçá-la, mas Dona Eudes foi pedindo para que eu colocasse mais água, pois ‘era para ficar bem molhadinho’. Enquanto eu aguava, ela foi pegando as cebolinhas no canteiro para as colocarmos no novo local. Logo depois de pegar as cebolinhas, demos início ao processo

de plantá-las, Dona Eudes me explicou que a distância entre cada ‘buraquinho’ era de um palmo [aproximadamente 22,8cm] para os lados e para frente, em cada buraco foram colocados dois ‘raminhos de cebolinha’.

Enquanto plantávamos, ela me disse que eu devia planta-las caidinhas para o lado, ‘não era para deixar muito em pé’, pois aprendeu com o cunhado que a ‘cebolinha subia e dava mais rama’, o que Adriana também lhe falou. Então, Dona Eudes falou que fez a ‘experiência’ e ‘deu certo’, pois elas ‘subiam muito e davam mais ramas’. Depois de finalizar toda a plantação, é a hora de aguardar novamente.

Figura 2



Canteiro de cebolinhas.

Como falei acima, é importante que o canteiro seja feito de forma plana, pois segundo Dona Eudes, que ‘errou na hora de fazer’, quando é feito em lugar íngreme ‘fica mal feito, mal colocado’. Quando fez, ela ‘não pensou direito’, Dona Eudes disse que quando aconteceu ela se culpou e pensou: ‘ô, agricultora essa!’, perguntei o porquê daquilo ser ‘tão ruim’ e ela respondeu que, ‘a água vai descendo e acumulando na base do canteiro’, desse modo quando chove ‘a terra vai descendo, bagunçando tudo’. Entretanto, apesar da má experiência, ela não acabou com o canteiro, vai continuar colhendo dele até ‘quando der’.

Figura 3



O canteiro feito em lugar íngreme.

Figura 4



Ela no canteiro que 'deu errado'.

Importante perceber que o “fazer” canteiro requer todo um encadeamento de operações técnicas, i.e., uma cadeia operatória – conceito discutido inicialmente por André Leroi-Gouhan (1987). Destarte, Coupaye (2017) aponta as muitas conexões entre materiais, humanos, coisas e seres presente no processo técnico de uma dada atividade, isto é, vai desde os materiais usados – como as enxadas para ‘fofar’ a terra, o irrigador – até a forma como os humanos executam as técnicas com as mãos, por exemplo – quando se faz ‘os buraquinhos’ para plantar e se mede a distância entre cada um. Teixeira (2019, p. 99) mostra a diversidade de forças operantes e agentes humanos e não-humanos presentes na construção das cercas de madeira feitas por seus interlocutores nos Inhamuns. Dessa forma, falar sobre cadeia operatória é falar sobre um sistema que engloba todo o universo de técnicas, coisas, forças, humanos e não humanos. É por isso que, Sautchuk (2017) afirma que etnografar processos técnicos é perceber que eles abarcam sistemas de múltiplos agentes.

Diante do conceito de cadeia operatória e da importância de situar cada evento etnográfico como particular (Coupaye, 2017), mostrarei a forma como Dona Selma faz seus canteiros. Diferentemente de Dona Eudes, a agricultora não os faz no solo, mas sim “suspensos” em telhas grandes de concreto – usadas na construção civil – e em carrinhos de mão.

Dona Selma opta por fazer seus canteiros “suspensos” devido ‘o solo do quintal’ ser ‘ruim de plantar’. Ela contou que nas vezes em que tentou, não ‘deu bom’. Além disso, pode haver as formigas e ‘fazendo assim [longe do solo] os ataques delas’ são mais difíceis de ocorrer. Ademais, como não há a preparação do solo em si - já que Dona Selma não precisa

procurar um lugar plano e nem ‘fofar’ a terra – o primeiro passo por ela feito é colocar o húmus da minhoca, do bioágua, dentro da telha ou do carrinho de mão. Logo em seguida, é importante aguardar todo o espaço, depois é o momento de proteger o húmus com folhas secas para que a ‘água não evapore’ e o ‘esterco fique sempre molhadinho’. Como o espaço de Dona Selma é diferente daquele de Dona Eudes, a lógica para plantar as hortaliças só difere na distância entre elas, ao invés de um palmo, dependendo da verdura que será plantada, o espaço vai mudando. Haja vista que, quando se planta couve, uma hortaliça que ‘tem a raiz grande’, como explicam minhas interlocutoras, o espaço entre cada uma deve ser maior do que, por exemplo, o espaço que se coloca quando se planta coentro.

Como a(o)s leitora(e)s verão nas imagens seguintes, nas telhas de construção civil, Dona Selma coloca uma grande variedade de hortaliças - cheiro verde, cebolinha, couve, tomate-cereja – ao passo que em cada carrinho de mão, por ser menor, ela opta por plantar somente uma espécie, ou seja, há, portanto, um carrinho com cebolinhas, já em outro há pimentinha de cheiro.

Figura 5



*Canteiro de Dona Selma
feito em uma telha.*

Figura 6



Dona Selma, em seu canteiro.

No quintal de Josivânia, por sua vez, se encontramos canteiros feitos em forma de mandala, isto é, em formato circular. A lógica por ela seguida é a mesma de Dona Eudes: planta-se em um lugar plano – que necessita ser ‘fofado’ –, o solo é enriquecido com o húmus das minhocas e se protegido da ação do sol, com folhas secas – embora na imagem abaixo essa última etapa não esteja ilustrada.

Figura 7



O canteiro-mandala em um ângulo mais panorâmico.

Figura 8



Algumas das hortaliças do canteiro-mandala, de forma mais aproximada.

No que se refere aos diferentes modos de organizar roçados e hortas, Lima (2019, p. 299) mostra que essas organizações entre os povos indígenas Jê expressam “concepções sóciocosmológicas”, como por exemplo, “a espacialidade e a temporalidade da roça, os desenhos dos plantios, a percepção e o aproveitamento dos agricultores sobre certas interações multiespecíficas e outros processos ecológicos”.

Dessa maneira, concepções sóciocosmológicas são observadas no saber-fazer da agroecologia. Sandra Rodrigues (2018, p. 45) mostra que suas interlocutoras também fazem diversos experimentos – como Dona Eudes fez ao plantar a cebolinha ‘caidinha’ – organizam seus espaços de formas distintas, fazem canteiros, armazenam sementes crioulas, plantam árvores frutíferas e nativas. Já Weitzman (2016, p. 234) afirma que “agroecologia abriga uma multiplicidade de saberes e práticas” executados por mulheres, fazendo com que essa forma de agricultura apareça como um elemento central nos conhecimentos que se movimentam entre quintais, cozinhas e conversas.

Ademais, é nos quintais produtivos das minhas interlocutoras que diversas cadeias operatórias são observadas, é onde se pode perceber o estabelecimento de conexões “entre várias zonas de atividades” (COUPAYE, 2017, p. 479) determinadas pelos múltiplos sujeitos existentes no universo das execuções técnicas. Dessa maneira, uma cadeia operatória é capaz de materializar processos que vão além do universo físico/material, dado que ela é capaz de tornar evidente forças sociais e subjetivas, vistas em todo o processo técnico. Na cadeia operatória presente ao se cultivar um canteiro, percebo as escolhas particulares de cada agricultora, quais são os vegetais que elas mais gostam de plantar, quais são as hortaliças mais usadas na cozinha etc.

Além de perceber as relações entre agricultoras e plantas/ árvores/ hortaliças, percebo também a relação entre os próprios não humanos. Um dos exemplos é a agrofloresta, anteriormente citada: o SAF (Sistema Agroflorestal) protege os canteiros de ventos fortes – muito característicos da Serra da Ibiapaba – e do sol, de modo que há uma troca recíproca entre diferentes espécies de plantas, um habitar compartilhado: “é produzindo condições e recebendo os benefícios do habitar compartilhado com [d]os não humanos que eles constituem uma relação intensa de reciprocidade” (HOLLIVER, 2016, p. 55).

Já na própria organização e feitura de um canteiro, é necessário – como já apontei anteriormente – levar em consideração o tamanho da raiz, a extensão que cada espécie tomará no solo, à medida que vai crescendo. Ou seja, é fundamental que se compreenda como cada espécie se relaciona entre si, pois não é desejado que elas disputem espaço e/ou água – como no exemplo do canteiro de cebolinhas que fizemos, por conta de que elas estavam sendo ‘sufocadas’ pelas outras hortaliças. Mostrando um saber prático experiencial para além de realizações técnicas, pois as agricultoras conhecem as particularidades de cada ser, de cada espécie e de como elas se relacionam e se relacionarão futuramente, em um constante devir.

Assim, os conhecimentos que minhas interlocutoras empregam, deixam ver a compreensão que elas têm das relações entre os não humanos que constituem os seus quintais, relações que unem “duas ou mais espécies diferentes que se combinam em alianças não hierárquicas, sem estabelecer competição entre si” (HOLLIVER, 2016, p. 48).

Portanto, há uma diversidade de conhecimentos, mas também de seres, que se movem (INGOLD, 2015) nas redes de relações entre mulheres, entre quintais, entre canteiros e entre plantas. Conhecimentos estes que mostram a multiplicidade de forças e saberes que constituem o fazer agroecologia.

Agora mostrarei a forma como as agricultoras lidam com outro entrave: as formigas.

Além da falta de água, outro problema que costuma aparecer nas falas das interlocutoras é as formigas, especificamente a formiga-cortadeira e a formiga-de-roça. As duas, apesar de serem ‘miudinhas’ são capazes de destruir grandes árvores nativas como a barriguda, hortas inteiras, mudas de fruteiras, etc. As formigas são capazes de ‘enganar’, Dona Eudes me ensinou que se o solo estiver ‘muito amarelo’ é muito provável que ali haja formigas, mesmo que ‘a gente não veja os buracos’. Foi assim, andando pelos quintais que fui aprendendo a reconhecer onde havia rastros das formigas: no solo muito amarelo, em

mudas de árvores frutíferas com folhas frágeis, em mudas ‘carecas’, pois suas folhas caíram depois de vários ataques.

Importante dizer que as mulheres devem ficar atentas às espécies que foram atacadas, pois depois de ‘quatro vezes que as formigas comem, a planta fica muito frágil e acaba morrendo’. Dona Eudes me mostrou algumas mudas que já foram atacadas duas vezes, elas estavam ‘renascendo’, mas se fossem atacadas mais uma vez poderiam morrer. Ou seja, é necessário evitar os ataques em todo o quintal, sobretudo, nos lugares onde há espécimes nas quais as pequenas invasoras já fizeram um ‘estrago’.

Esse fato é o que faz, segundo as agricultoras, alguns homens colocarem ‘veneno’ em suas produções, pois não haveria outra forma. No entanto, uma vez, Dona Eudes me disse: ‘veneno não serve de nada não, você pode colocar num lugar, que a formiga vai sair em outro’, ainda mais, segundo minha interlocutora, ‘o veneno não mata as formigas, só mata o solo e ainda faz mal’.

Percebo que o uso do defensivo químico por alguns agricultores, pelo que noto nas falas das mulheres, é para otimizar tempo de trabalho, pois como me falou Dona Eudes e Seu Benedito: ‘tem que ter paciência com essas formigas’. Ter essa paciência requer o emprego de alguns métodos para expulsá-las. Descreverei a seguir algumas dessas técnicas que me foram ensinadas ou descritas.

Dona Eudes, Alessandra, Maria e Dona Raimunda me falaram de uma consultoria que tiveram com os técnicos da Cepema sobre o controle de pragas, sobretudo, o controle das formigas e um dos métodos ensinados foi colocar ‘muita água no buraco delas’, pois, segundo Alessandra: ‘ele ensinou foi botar água dentro do formigueiro, aí depois tampa, porque disse que botando água cria um fungo lá embaixo, aí elas morre’. Entretanto, como o uso da água no assentamento é bem restrito essa forma não é muito usada pelas mulheres. Dona Eudes, quando usa água ‘nas formigas’, coloca em pouca quantidade e a deixa quente, ela disse que ‘tem ajudado’, segundo ela, ‘água quente só acaba com a formiga do lugar, não destrói o solo’, como faz o agrotóxico. Ademais, Seu Benedito me ensinou outra forma: colocar um pedaço de madeira dentro do formigueiro e ficar batendo lá no fundo, foi como ele conseguiu melhorar a invasão, que ‘tava horrível’. Segundo Seu Benedito, ‘foi [isso] o que imunizou’ os ataques.

Uma outra técnica feita é plantar gergelim ao redor dos canteiros, pois se trata de uma planta que atrai as formigas para si, segundo Adriana, que plantou ‘uma carreira de

gergelim’ em todos os seus canteiros, fazer isso ‘auxiliou no controle’¹². No que tange espécies vegetais que atraem os invasores para si, plantar urtiga e arruda, a planta medicinal, é outra alternativa, executada pelas agricultoras. Contudo, segundo Dona Eudes, ‘arruda não prestou muito não’, pois ela plantou, as formigas atacaram as arrudas e depois invadiram o canteiro.

Outras opções para o controle, é fazer receitas de defensivos naturais ou utilizar água de arroz cozido e água de manipueira, líquido ‘muito forte’ extraído da mandioca quando ela é espremida no processo de produção da farinha. Estes dois líquidos, colocados semanalmente, são ótimos para diminuir ou até mesmo para acabar com os ataques das formigas. As receitas mais comuns feitas por elas são: esmagar mamona, alho e pimenta, depois misturar com água e deixar descansar dentro de uma garrafa durante algumas horas – mais ou menos por 12 horas; já a outra receita é feita com os mesmos ingredientes – alho, pimenta e mamona – com o acréscimo de uma laranja mofada, o modo de preparo é o mesmo da primeira. Depois de feitos, os remédios são colocados sobre as plantas, hortas e mudas, possuindo capacidade inseticida e repelente.

Por fim, a última técnica executada nos quintais para enfrentar as ‘miudinhas’ é colocar garrafas pets cortadas nos pés das mudas. É uma forma simples e eficaz, pelo que percebo, para o controle, dado que a garrafa impede que a formiga chegue até a muda para destruí-la. No entanto, colocar garrafas requer observações constantes, sendo assim, é necessário que as mulheres andem por onde há garrafas para ver se o vento não as derrubou, pois ‘qualquer coisinha’ faz com que as formigas ataquem, o que exige das agricultoras atenção e cuidados permanentes. Em uma das manhãs que estive na casa de Dona Eudes, caminhamos por todo o quintal para averiguar se as garrafas estavam nos lugares corretamente.

Ingold (2012), ao criticar o conceito ator rede de Bruno Latour – para Ingold tal concepção separa metafisicamente sujeitos e objetos – , mostra que objetos/ materiais são coisas que possuem vida, capazes de ilustrar constituições de mundo, relações entre humanos e não humanos, em um entrelaçar de trajetórias de coisas. Desse modo, “trazer as coisas de volta à vida” (INGOLD, 2012), podemos perceber fluxos vitais e dinâmicas de diversas vidas. Tendo como base a concepção de Ingold, as garrafas usadas como forma de proteção

¹² Woortmann (2009, p. 122) relatou que os sítiantes por ela pesquisados em Sergipe, também, empregam essa técnica de plantar gergelim para proteger a plantação: “o gergelim, considerado muito forte, é plantado ao redor da roça, formando uma defesa natural contra insetos daninhos”.

são coisas que narram e constituem histórias: de agricultoras, plantas e formigas. Destarte, garrafas, enxadas, canos de irrigação, telhas e carrinhos de mão, não são materiais “impenetráveis”, pois são “coisas que vazam”, porosas.

É neste entrelaçar de coisas e vidas que conhecimentos se movimentam sem uma hierarquia, conhecimentos que vão se integrando ao longo das linhas da vida (INGOLD, 2015). As técnicas - de plantio agroecológico, de reuso de águas, para defender-se de invasores – contam narrativas de vidas que brotam da terra, de coisas e de mulheres, nos termos de Ingold (2015), conhecimentos e narrativas formam uma malha viva. Portanto, saberes “enlinham-se” (TEIXEIRA, 2019) narrando sobre construções de mundos mais que humanos, repletos de coisas, seres e vidas brotando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo figuras essenciais, as andanças pelos quintais foram fundamentais para a construção desta pesquisa, foi nesses espaços que aprendi como fazer canteiros, como reconhecer rastros de formigas, como saber se uma dada planta está se sentindo sufocada ou precisando de mais (ou menos) água. Além das cozinhas, foi nos quintais que minha relação com as mulheres foi se fazendo e laços foram se estreitando, a frase ‘bora ali no quintal, olhar as coisas’ foi, sem dúvida, a que mais escutei.

Ao passear pelos quintais das mulheres que construíram comigo essa pesquisa me parece que as sociotécnicas (LATOUR, 2011) desenvolvidas por elas em suas produções, em seus plantios, em suas relações com o bioma são fundamentais para a construção de um habitar compartilhado (HOLLIVER, 2016). Esse diálogo entre “mundos”, entre diferentes formas de existência, é descrito por Anna Tsing (2019) como relações multiespécies, assim, um dos pontos que procurei observar na realização da pesquisa foi a dinâmica dessas relações que são múltiplas e não inseparáveis.

Assim sendo, as tecnologias terranas (LATOUR, 2013) aplicadas pelas agricultoras do Santa Madalena transcendem o saber agrônomo científico e mostram dimensões que auxiliam na compreensão da cosmologia do território. Nesse sentido, Sautchuk aponta que realizar etnografia das atividades técnicas é enxergar a técnica como “uma chave para entender os termos em que o mundo se organiza, e sob que parâmetros é possível dizer que ele se transforma, em diferentes situações.” (SAUTCHUK, 2017, p. 29).

Com isso, procurei neste trabalho mostrar as técnicas agroecológicas que são fundamentais para a construção de mundos entrelaçados por coisas, materiais, plantas e mulheres, isto é, há uma diversidade de forças (COUPAYE, 2017).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CENTELHAS, Marcela Rabello de Castro. *Nas águas das políticas: as mulheres, as cisternas e o curso da vida no agreste pernambucano*. Rio de Janeiro, 2019. 281 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

COUPAYE, Ludovic. Cadeia operatória, transectos e teorias: algumas reflexões e sugestões sobre o percurso de um método clássico. In.: SAUTCHUK, Carlos Emanuel [Org.]. *Técnica e Transformação: perspectivas antropológicas*. Rio de Janeiro: ABA publicações, 2017. p. 475-494.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. 2 ed. Florianópolis: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2017.

DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. 6 ed. São Paulo: Editora Hucitece, 2008.

GALIZONI, Flávia. *Águas da vida: população rural, cultura e água em Minas Gerais*. Campinas, 2005. 198 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, UNICAMP, Campinas, 2005.

GALIZONI, Flávia; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Bem comum e normas costumeiras: a ética das águas em comunidades rurais de Minas Gerais. *Ambiente & sociedade*, v.14, n.1, p.77-94, 2011.

_____. Água, terra e família: uma etnografia dos recursos hídricos nas comunidades camponesas da Mantiqueira mineira. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, v.20, n.2, p.68-93, 2013.

HOLLIVER, Gabriel. *“Tá bonito pra chover”*: Agricultores experimentadores no semiárido da Paraíba. 2016. 58 f. Monografia (Graduação) Ciências Sociais, PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2016.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: Ensaio sobre Movimento, Conhecimento e Descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

LATOUR, Bruno. *Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas*. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. *Jamais fomos modernos: ensaio sobre antropologia simétrica*. São Paulo, Editora 34, 2013.

LEROI-GOURHAN, André. *O gesto e a palavra: memória e ritmos*. v.2. Lisboa, Edições 70, 1987.

LIMA, Ana Gabriela. Etnografias Jê e as plantas cultivadas: contribuições para o debate sobre sistemas agrícolas tradicionais. *Revista de Antropologia da UFSCar*, v.2, jul./dez., p. 293-325. 2019.

PALMEIRA, Moacir. Casa e Trabalho: nota sobre as relações sociais na plantation tradicional (1977). In: CLIFFORD, W.; MALAGODI, E.; CAVALCANTI, J.; WANDERLEY, M. (Orgs.). *Camponeses Brasileiros: Leituras e Interpretações Clássicas*. v. 1, Brasília: Editora Unesp, 2009. p. 203-215.

RODRIGUES, Sandra Marli da Rocha. Agroecologia e sua materialidade na vida das mulheres camponesas. In: CINELLI, C.; SEIBERT, I.; CIMA, J.; CALAÇA, M.; PULGA, V. (Orgs.). *Mulheres camponesas: semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia*. Porto Alegre: Editora RedeUnida, 2018. p.36-53.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. Técnica e/em/como transformação. In: _____. (Org.) *Técnica e transformação: perspectivas antropológicas*. Rio de Janeiro: ABA Publicações, 2017. p.11-33.

SILIPRANDI, Emma. *Mulheres e Agroecologia: Transformando o campo, as florestas e as pessoas*. Editora UFRJ, 2016.

SOUSA, Vitória de Fátima. *Fazendo vidas brotarem na Serra da Ibiapaba (CE): técnicas e conhecimentos de mulheres na agroecologia*. 2021. 91 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral, 2021.

SOUSA, Vitória de Fátima, & TEIXEIRA, Jorge Luan. A agroecologia entre a técnica e a ética: experiências de trabalhadoras rurais em um assentamento no Ceará. *Revista de Antropologia da UFSCar*, 12(2), 2020. p. 233–256.

STEENBOCK, Walter; SILVA, Rodrigo; FROUFE, Luis Cláudio; SEOANE, Carlos Eduardo. Agroflorestas e sistemas agroflorestais no espaço e no tempo. In: STEENBOCK, Walter; SILVA, Letícia; SILVA, Rodrigo; RODRIGUES, Almir; PEREZ-CASSARINO, Julian; FONINI, Regiane. *Agrofloresta, ecologia e sociedade*. Curitiba: Kairós, 2013. p. 39-60.

TEIXEIRA, Jorge Luan. *Na terra dos outros: mobilidade, trabalho e parentesco entre os moradores do Sertão dos Inhamuns (CE)*. 2014. 222 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – PPGAS/MN, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014.

_____. *Caçando na mata branca: conhecimento, movimento e ética no Sertão Cearense*. 2019. 462 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2019.

TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

WEITZMAN, Rodica. *Tecendo Deslocamentos: Relações de gênero, Práticas Produtivas e Organizativas entre Trabalhadoras Rurais*. 2016. 500 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2016.

WOORTMANN, Ellen. O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações. In: GODOI, E.P; MENEZES, M.A.; MARIN, R.A (Orgs.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias*. v.2. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: NEAD, 2009. p.119-129.